

Sociorretórica: da leitura e da escrita para além do contexto escolar

A viagem textual move e transforma o leitor em um novo tipo de agente, com novos recursos, percepções, posições, pensamentos e informações.
Charles Bazerman

Luanny Vidal¹
Luisiana Ferreira Moura²

Todas as vezes que propomos uma produção escrita, deparamo-nos com a resistência dos alunos, pois eles encaram a atividade como algo complexo com obstáculos intransponíveis. A questão é que essas dificuldades são construídas pelo aluno sob a concepção de que não conseguirá realizar a tarefa ou de que o resultado será medíocre. As afirmativas que corroboram esse cenário, repetindo-se de aluno a aluno, são as de que não sabem colocar no papel o que “está na cabeça”, ou seja, não conseguem fazer a transposição das ideias e dos pensamentos para o texto escrito com intencionalidade, articulação e clareza. Outras vezes, dizem que não sabem o que escrever ou que não têm sobre o que falar.

Passarelli (2012, p. 37) afirma que os alunos não dispõem da proficiência requerida para produzir bons textos, uma vez que não possuem repertório para desenvolver o tema nem dominam os procedimentos do processo de escrita. Assim, o desenvolvimento da competência escritora, ao lado da competência leitora, é prioridade. Entretanto, o que torna a primeira um desafio não só para o aluno, mas também para o professor,

1 Doutoranda pela PUC-SP; Mestre em Linguística pela UNIFRAN-SP; Membro do Grupo ERA; Bolsista CAPES.

2 Mestranda em Língua Portuguesa pela PUC-SP; Membro do Grupo ERA; Bolsista CNPq.

é o fato de que ela se desenvolve, na maior parte das vezes, em situações artificiais: “por falta de identificação dos alunos com o que aprendiam na escola, que excluía a relação do que nela se ensina com as situações reais de comunicação fora dela” (PASSARELLI, 2012, p. 34).

Desse modo, com o intuito de trazer sugestões que possam ajudar nas práticas diárias de ensino de escrita a partir de situações do contexto real do aluno, propomos uma sequência em etapas para a produção escrita a partir da leitura e com base em estratégias que explicitam os mecanismos de construção do discurso por meio do sistema retórico e da perspectiva da sociorretórica, entendida como a junção das teorias que tratam do estudo da linguagem e do discurso.

Uso da metodologia como estímulo

O ser humano, para se fazer entender, perpassa o ato da linguagem porque esta é a principal ferramenta da comunicação. Segundo Fiorin (2015), comunicar é um ato de agir sobre o outro, e não somente o fato de receber e compreender mensagens, mas é fazer o interlocutor aceitar o que lhe é transmitido, crer naquilo que se diz e fazer aquilo que é proposto. Isso quer dizer que comunicar não é apenas fazer saber, mas, principalmente, fazer crer, pois “Comunicar significa obter adesão. Esta depende de opiniões prévias, de crenças, de aspirações, de valores, de normas, de emoções, de sentimentos, de visão de mundo [...]” (FIORIN, 2015, p. 76). Nesse sentido, usamos a linguagem para nos comunicar e para defendermos determinados pontos de vista. Para isso, podemos utilizar as teorias da retórica.

Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), a retórica é o estudo de técnicas que utilizam a linguagem para persuadir e convencer, isto é, por meio dos recursos discursivos, que buscam a persuasão e o convencimento, obtém-se a adesão dos espíritos. Conforme Ferreira (2017), todo ser humano é um ser retórico, uma vez que utiliza da força da palavra para manipular e influenciar o outro, com vistas a “guiar suas ações, a causar interesses e estabelecer acordos” (FERREIRA, 2017, p.12). Portanto, se somos seres retóricos, pretendemos de alguma maneira influenciar o outro, logo, o que produzimos ou escrevemos também é criado para influenciar ou mesmo manipular o nosso auditório.

A retórica, na concepção aristotélica, organiza o discurso, deixando-o latente de modo que se torne persuasivo, assim, a construção de textos que

considerem as etapas do sistema retórico, construído ainda na retórica antiga por Aristóteles (2005 [384-322 a.C.]) e, mais tarde, ampliado com as contribuições de novos teóricos, como Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), é uma maneira de produzir textos mais eficazes.

O sistema retórico, ou mesmo edifício retórico, foi definido em quatro pilares que são as partes que constituem o discurso, a saber: a invenção (*heurésis*), a disposição (*taxis*), a elocução (*lexis*) e a ação (*hypocrisis*). De acordo com Reboul (2004), o autor ou o orador que deixar de cumprir alguma fase do sistema retórico tornará a sua escrita ou o seu discurso vago, confuso, incoerente ou difícil de ser ouvido.

A invenção (*heurésis*, em grego), de acordo com Ferreira (2017), é uma palavra originada da língua latina *inventio*, a qual se une ao verbo *invenire*: que significa descobrir, achar, encontrar. Em uma leitura retórica, é a primeira etapa, aquela em que o orador busca técnicas discursivas que irão sustentar o seu texto. Ainda é nesse momento que o autor procura saber para que tipo de auditório-leitor ele vai direcionar a sua escrita e em que gênero irá desenvolvê-la. Nesse ponto, também busca os argumentos que considera eficazes para que se tenha um texto persuasivo.

A segunda parte do sistema retórico é a disposição (*taxis*). Nela, procura-se colocar os argumentos extraídos da primeira etapa, a invenção em ordem, ou melhor, é o momento de escrever tudo aquilo que foi pensado na etapa anterior. Dessa forma, a disposição é dividida em quatro partes: o exórdio, a narração, a confirmação e a peroração.

Em todo discurso retórico, o orador visa provocar paixões-emoções no auditório, e é na fase do exórdio que ele procurará suscitar esses sentimentos. É nela, também, que irá colocar os seus primeiros argumentos para manter o auditório benevolente ao discurso proferido. Sobre isso, Reboul (2004, p. 55) descreve que o “exórdio é a parte que inicia o discurso, e sua função é essencialmente fática: tornar o auditório dócil, atento e benevolente”. Ferreira (2017) reitera que o exórdio estabelece identificação com o auditório e chama a atenção por meio de um conselho, um elogio ou uma censura, mas isso vai depender do gênero do texto em questão.

No que compete à narração (*diegésis*), os argumentos são colocados em ordem, com vistas aos interesses do orador. Nessa etapa, o *logos* ganha relevância, pois é o discurso materializado que irá ser trabalhado. Para isso, segundo Reboul (2004), é preciso ter três qualidades: ser objetivo, nítido e acreditável.

Outro aspecto da disposição é o elemento confirmação (*pistis*), pelo qual se busca expor todas as provas em razão de destruir os argumentos do

adversário. Nesse sentido, Reboul (2004, p. 56) expõe “que a confirmação é um conjunto de provas seguido por uma refutação”. Dessa maneira, é o momento no qual compete, ao orador, ordenar os argumentos em fortes ou fracos.

A peroração é o quarto momento da etapa da disposição. Citelli (2005, p. 13) ratifica que ela “é o epílogo, a conclusão”. Portanto, é a fase da conclusão do discurso, que se faz pela união da paixão ao argumento para, então, finalizar a ação.

Voltando às etapas do sistema retórico, a elocução (*lexis*), que caracteriza a terceira parte, pode ser conceituada, consoante Ferreira (2017, p. 116), como a etapa da “redação do discurso retórico”. Logo, infere-se que a elocução é a escrita propriamente dita do texto, momento de reunião de tudo o que foi imaginado nas fases anteriores. Nele, o texto fica transparente e tanto as perfeições quanto as imperfeições do processo criativo se tornam perceptíveis.

Finalmente, a ação (*hypocrisis*), última fase do sistema retórico, diz respeito mais à parte do discurso declamado. Depois de fazer um apanhado de todas as fases anteriores (invenção, disposição e elocução), o sistema concretiza a ação, concluindo o discurso. De acordo com Ferreira (2017, p. 138), o discurso “trabalha com os componentes emotivos da emissão da palavra: a gestualidade (*kinésica*) e a interação com o espaço (*proxêmica*)”. Nesse momento, o auditório irá fazer um juízo de valor sobre a eficácia do discurso do orador.

Além de mediar a interpretação de textos, o sistema retórico pode ser bastante útil como ferramenta didática para a sala de aula, uma vez que, na perspectiva do ensino de língua portuguesa, opera como um suporte didático para a construção da escrita, de modo que o resultado sejam textos atraentes que “podem fornecer experiências organizadas, interpretáveis e significativas para os leitores” (BAZERMAN, 2015, p. 152). O teórico acrescenta ainda que, para a escrita do texto ser persuasiva e conseguir prender a atenção do leitor, o autor deve escolher bem as estratégias a serem utilizadas, de acordo com cada gênero textual, para, dessa maneira, incitar paixões-emoções no auditório-leitor e prendê-lo ao texto. Uma dessas estratégias é a disposição dos elementos de coesão, que estão relacionados com a coerência do texto e, desse modo, são recursos que orientam a leitura.

Nessa perspectiva, a sociorretórica é uma abordagem que pode subsidiar e nortear o professor de língua portuguesa no desenvolvimento da competência escritora, pois, de acordo com os autores Freedman e Medway (1994), é uma teoria que trabalha com o conhecimento humano e com

as questões da linguagem. Por isso, uma orientação sociorretórica pode atender os professores que buscam suporte para a melhoria do processo de ensino e aprendizagem, principalmente em relação à escrita, à leitura e à interpretação de textos. Formando com isso, o aluno-autor que percebe os seus discursos como dispositivos de persuasão e de ação social, dado que “a viagem textual move e transforma o leitor em um novo tipo de agente, com novos recursos, percepções, posições, pensamentos e informações” (BAZERMAN, 2015, p. 166).

Entendemos, a partir disso, que é possível trabalhar com contextos significativos para os alunos, considerando que, ao perceber melhor os meandros textuais que a retórica pode desvelar, motivações emergirão diante do desafio de planejar e articular recursos para produzir um discurso eficaz. Deriva daí a decisão de relacionar a leitura e a escrita com o trabalho mediado pelos gêneros textuais dos mais diversos.

De acordo com Bazerman (2011), gêneros são fenômenos de reconhecimento psicossocial partícipes dos processos de estabelecimento de atividades socialmente organizadas. Eles emergem dos processos sociais em que as pessoas tentam compreender umas às outras por meio do compartilhamento de significados. Portanto, surgem e se modificam de acordo com as transformações e as inovações sociais, uma vez que são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Sendo assim, a escrita do aluno pode ser facilitada com a leitura de gêneros variados que tenham significado em sua vida e aos quais demonstre interesse.

Um pouco sobre leitura

Os entraves para o desenvolvimento de uma escrita competente também são agravados pelas dificuldades encontradas na leitura, haja vista que, muitas vezes, a escrita insere-se num campo contínuo de intercâmbio, ainda mais quando compartilhamos uma situação ou nos inserimos em uma em andamento, a qual exige a articulação de outras competências, entre elas a leitora. Ademais, no âmbito escolar, o desenvolvimento da leitura traz benefícios para o desenvolvimento da escrita, pois agrega maior reflexão sobre o ato, tendo em vista que o aluno-autor constrói um arcabouço sólido baseado em gêneros e em temas variados e, quando exposto a uma situação de escrita, ainda que de forma subjetiva, aciona esse arcabouço. Diante disso, o desenvolvimento da escrita, atravessado pelo desenvolvimento da

leitura, permite que uma competência amplie a outra.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais,

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita etc. [...] Qualquer leitor experiente que conseguir analisar sua própria leitura constatará que a decodificação é apenas um dos procedimentos que utiliza quando lê: a leitura fluente envolve uma série de outras estratégias como seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível rapidez e proficiência. (BRASIL, 1998, p. 69-70).

Esse posicionamento define a leitura como uma atividade de produção de sentido e deixa claro que o leitor não é apenas um decodificador, mas, sim, que o discurso é construído numa relação que vai além da decodificação e que também articula um conjunto de saberes e estratégias. Outrossim, a produção de sentidos numa leitura põe em movimento um conjunto de conhecimentos armazenados na memória, os quais são ativados segundo os “aspectos contextuais que dizem respeito ao conhecimento da língua, do mundo, da situação comunicativa enfim” (KOCH; ELIAS, 2011, p. 59).

Além disso, as autoras apontam que a construção de sentidos entre os sujeitos do discurso exige que haja, ao menos parcialmente, o compartilhamento de conhecimento.

A leitura como um caminho expressivo

Decidimos pela leitura como etapa inicial para fomentar conteúdos para a escrita, mas também para, de forma prática, apresentar a aplicabilidade do sistema retórico tanto na leitura quanto no processo de construção do discurso escrito. O professor pode selecionar textos sobre qualquer assunto que esteja na mídia, ou que seja interessante aos interlocutores, porque, ainda que os alunos não tenham o hábito da leitura, podem ter ouvido falar a respeito em casa, na escola ou em qualquer círculo que frequentem. Trata-se, nesse caso, de trazer, para o ambiente escolar, temas que façam parte do dia a dia do aluno. A escolha do gênero pode estar

atrelada ao atendimento de demandas associadas ao conteúdo e à etapa escolar, já que o sistema retórico pode espelhar as estruturas de gêneros de diferentes tipos textuais. Reforçamos, apenas, que é profícuo que haja a transposição de um gênero a outro, isto é, que a leitura seja em um gênero do discurso e a proposta de escrita, em outro, pois, assim, fomenta-se o exercício da escrita criativa e a reflexão sobre o que é adequado ou não a cada gênero e situação.

Após o trabalho com a leitura, debates e tarefas orientadas ao tema e às suas significações, aos alunos pode ser proposto o desenvolvimento de um texto que analise, explique ou problematize as reflexões levantadas. Sugerimos, a título de exemplo, que, da leitura de notícias, seja desenvolvida uma crônica; da análise de textos publicitários, seja proposta a elaboração de um artigo de opinião; entre outras associações que se voltem ao atendimento dos objetivos almejados.

Desse modo, chamaremos a atenção para alguns aspectos da construção do texto “Desculpas de Neymar são ridicularizadas pelos internautas” escrito pelo colunista Fraga, que podem ser evidenciados numa proposta de leitura orientada à produção escrita.

À época de Copa do Mundo de 2018, ocasião na qual se desenvolvem as presentes reflexões, e partindo do pressuposto de que todos tiveram contato com alguma informação sobre o campeonato em jornais, redes sociais, sites ou conversas, selecionamos, para exemplificar a aplicabilidade do sistema retórico, um texto publicado numa coluna esportiva que problematizava a repercussão da propaganda “Um novo homem todo dia”, protagonizada pelo jogador Neymar.

Desculpas de Neymar são ridicularizadas pelos internautas

No anúncio, Neymar disse que 'quando eu pareço malcriado, não é porque eu sou um moleque mimado, mas é porque eu ainda não aprendi a me frustrar'

COLUNA DO FRAGA | Do R7 | 30/07/2018 - 14H51 (ATUALIZADO EM 30/07/2018 - 14H56)

Parece que não deu certo.

Neymar voitou a receber uma saraivada de críticas após o "pedido de desculpas" em forma de anúncio da Gillette, que protagonizou na noite de ontem. A maioria dos internautas entendeu que as "palavras" do jogador atendiam simplesmente a uma estratégia de marketing e pareciam tão falsas quanto as quedas artísticas durante a Copa do Mundo.

O texto lido pelo jogador foi o seguinte:

"Trava de chuteira na panturrilha, joelhada na coluna, pisão no pé. Você pode achar que é um exagero. E às vezes, eu exagero mesmo. Mas a real é que eu sofro dentro de campo. Agora, na boa, você não imagina o que eu passo fora dele. Quando eu saio sem dar entrevista, não é porque eu só quero os louros da vitória, mas porque eu ainda não aprendi a te decepcionar. Quando eu pareço malcriado, não é porque eu sou um moleque mimado, mas é porque eu ainda não aprendi a me frustrar. Dentro de mim ainda existe um menino. As vezes ele encanta o mundo e as vezes ele irrita todo mundo. E minha luta é para manter esse menino vivo, mas dentro de mim e não dentro de campo. Você pode achar que eu caí demais, mas a verdade é que eu não caí, eu desmorenei. Isso dói muito mais do que qualquer pisão em tornozelo operado. Eu demorei para aceitar suas críticas. Eu demorei a me olhar no espelho e me transformar em um novo homem, mas hoje eu estou aqui, de cara limpa, de peito aberto. Eu caí, mas só quem cai pode se levantar. Você pode continuar jogando pedra, como pode jogar essas pedras fora e me ajudar a ficar de pé. Porque, quando eu fico de pé, 'parça', o Brasil inteiro levanta comigo."

Fonte: <https://noticias.r7.com/prisma/coluna-do-fraga/desculpas-de-neymar-sao-ridicularizadas-pelos-internautas-30072018> – Acesso em 01 de agosto de 2018

Ao critério do professor, selecionado o texto, ou os textos, com a finalidade de preparar os alunos para a atividade de produção textual escrita, inicia-se a mediação da leitura com o objetivo de provocar a construção de inferências que levem o aluno, além da compreensão do texto, na direção de possíveis interpretações e reconhecimento dos posicionamentos assumidos, através de algumas estratégias:

- A leitura apenas da manchete do texto e o seu subtítulo, o local de publicação, o autor e, a partir disso, o levantamento de hipóteses sobre:
 - Tema do texto;
 - Tipo de leitor ao qual se destina;
 - Imagem com a qual o texto se relaciona.
- Confirmação, ou não, das hipóteses levantadas com a leitura na íntegra;
- Debate de ideias entre e com os alunos;
- Anotação das ideias e das suposições levantadas.

Feito esse primeiro contato com o texto, passamos à leitura com o crivo do sistema retórico para demonstrar como a retórica pode ser utilizada para ensinar a leitura e a escrita aos alunos de Ensino Fundamental e Médio, por meio das etapas de construção do discurso.

O sistema retórico como recurso didático: da leitura à escrita persuasiva

Segundo Ferreira (2017), a construção do discurso, sob uma perspectiva retórica, prevê algumas etapas, abordadas abaixo num duplo movimento de leitura e sugestão de ensino da escrita. Essa estratégia visa explicitar as etapas do processo de criação do discurso a partir da análise de textos que façam parte da configuração do contexto retórico e da delimitação do tema que serão trabalhados pelo professor. Haja vista ser possível, com a leitura, ressaltar as técnicas utilizadas para tornar o discurso persuasivo. Com isso, evidenciamos que o sistema retórico é um recurso que pode ser aplicado tanto para o desenvolvimento de uma leitura proficiente, quanto para o ensino de uma escrita persuasiva e competente.

Assim, colocado em contexto, durante a Copa do Mundo de 2018 e, principalmente, após a eliminação da seleção brasileira nas quartas de final, o jogador Neymar foi criticado pela sua atuação em campo. Quase um mês após a eliminação, foi veiculada uma campanha publicitária da marca de aparelhos para barbear *Gillete*, na qual o jogador se dirige ao público brasileiro para se desculpar pela sua má atuação nos jogos. Tal ato gerou novas críticas por conta dessas desculpas virem em forma de propaganda, a qual está embasada em um contrato comercial. Em resumo, nesse contexto retórico, temos **alguém que fala** (Neymar) para um **auditório particular** (brasileiros) em **dado momento** (logo após a eliminação da seleção brasileira na Copa de 2018), em virtude de um **porquê** (para desculpar-se por sua atuação e atitudes), **contra** os que criticam a sua imagem ou questionam o seu profissionalismo e caráter, escolhendo um **modo** de propagar essa fala (campanha publicitária).

A **invenção** (*inventio*), primeira etapa da construção do discurso, é o momento no qual o aluno-autor (orador) busca as ideias que irão sustentar o seu texto. Em “Desculpas de Neymar são ridicularizadas pelos internautas”, o colunista esportivo Fraga mostrou manifestações de internautas em resposta à campanha publicitária na qual o jogador pede desculpas.

Na etapa da **disposição** (*dispositio*), o aluno-autor decide sobre a organização do discurso, a qual deve estar orientada para as suas intenções de persuasão. O exórdio, que é o primeiro elemento da *dispositio*, consiste no início do discurso, situação em que o orador falará ou escreverá. Assim, é o momento em que o orador deve proceder de modo a cativar a atenção do auditório (leitor) e chamar a atenção para o que será dito ou escrito. Portanto, o colunista, ao afirmar que as desculpas foram ridicularizadas pelos internautas que entenderam “que as palavras do jogador atendiam simplesmente a uma estratégia de marketing e pareciam tão falsas quanto as ‘quedas artísticas’ durante a Copa do Mundo”, demonstra que concorda com a opinião do público, o que torna a frase “Parece que não deu certo” irônica, uma vez que utiliza um recurso figurativo retórico, que faz parte da superfície do texto, com o seu significativo valor persuasivo, pois, ao usar o verbo “parecer”, o jornalista coloca o julgamento em dúvida, prendendo a atenção do leitor para os desdobramentos do texto.

Após a invenção e a disposição, o orador-autor faz a construção linguística do texto, ou seja, a **elocução** (*elocutio*), decidindo e privilegiando escolhas na tessitura do discurso (texto), o que o torna eficaz.

Por fim, na **ação** (*actio*), etapa de pronunciamento do discurso, que é o resultado das etapas anteriores, captar a atenção e persuadir o auditório são ações colocadas à prova. Em virtude de sua atuação, o jogador projetou um *ethos* (uma imagem de si) amplamente criticado durante o campeonato. O movimento de reconstrução dessa imagem não foi eficaz, e é isso que o colunista deixa evidente aos seus leitores, ainda que Neymar, estrategicamente, tente se aproximar do seu auditório, negociando a distância, ao chamá-lo de “parça”.

A análise efetuada evidencia o uso do sistema retórico, o que propicia não apenas uma leitura significativa, mas também uma estratégia para os professores desenvolverem a escrita com os seus alunos. Dessa forma, a proposta de transposição de um gênero a outro está em consonância ao levantamento já comentado de temas que estejam engajados ao cotidiano do aluno para a construção de atividades significativas de escrita, evitando que o processo esteja centrado apenas no produto (texto final) e na avaliação (resultado). Propomos uma sequência técnica por meio da qual o professor pode adequar a sua realidade para que, com o aporte da sociorretórica, sejam valorizados o processo de escrita e a superação de obstáculos que essa atividade normalmente traz.

Vejamos, a seguir, um quadro orientador produzido para fornecer uma visão geral das etapas a serem desenvolvidas nas atividades:

| ETAPAS | SISTEMA RETÓRICO | ATIVIDADES | CONSIDERAÇÕES |
|--------|---------------------------------|---|---|
| 1 | Construção do contexto retórico | 1.a - Seleção de tema/texto (Notícia, peça publicitária, texto literário e outros.) 1.b - Analisar o texto, identificando o contexto retórico (Quem fala? A quem fala? Quando fala? Por que fala? Contra o quê? Como fala?). | O professor fará a seleção do texto condutor, que consolida o tema, e orientará a leitura identificando o contexto retórico. Ao seu critério, a tarefa poderá ser realizada pelo aluno ou grupos de alunos para confronto das respostas. |
| 2 | Invenção | 2.a - Ampliar a pesquisa com a leitura de textos relacionados ao tema. 2.b - Debater os textos para favorecer o fomento de ideias. | O aluno tem como tarefa ampliar a pesquisa, ampliando seu repertório. Comentários de internautas, por exemplo, mostram diferentes pontos de vista. As ideias consolidadas devem ser debatidas com os outros alunos e professor. |
| 3 | Disposição | 3.a - Planejamento do texto: decisão sobre as ideias que farão parte do texto e como serão apresentadas ao leitor. | O aluno decidirá sobre as ideias que farão parte do texto, tomará notas e decidirá como elas serão articuladas e apresentadas ao leitor. Refletirá, inclusive nos imperativos do gênero. Importante que tenham tido contado com o gênero escolhido para a tarefa de escrita. |
| 4 | Elocução | Construção do texto: articulação do conteúdo e da forma. | Somente nessa etapa e com base nas anotações e reflexões anteriores, o aluno iniciará a escrita do texto, articulando o conteúdo à forma. |
| 5 | Ação | 5.a - Revisão dos textos pelos alunos (primeiros leitores); 5.b - Reescrita a partir dos comentários e considerações efetuadas; 5.c - Socialização das produções. | Os alunos serão os primeiros leitores dos textos, para os quais farão comentários e sugestões, que o aluno-autor pode ou não acatar no processo de reescrita. Após essa etapa, que pode ser retomada quantas vezes o professor considerar necessário, os textos podem ser socializados em rodas de leitura, saraus, blogs, jornais. |

Fonte: as autoras

O quadro orientador pode ser aplicado a partir de quaisquer gêneros, tanto na etapa de leitura e definição do tema condutor, como na produção escrita, permitindo que o professor adequa a sequência a diferentes gêneros previstos nos programas de diferentes séries e níveis. Nesse intuito, não definimos, também, a quantidade de aulas que o tornam viável porque, antes de tudo, é uma sugestão de aplicabilidade estratégica para o ensino de produção escrita, que outorga ao professor a liberdade de alinhá-la a sua realidade.

Em suma, reafirmamos que trabalhar com a transposição de um gênero a outro é uma estratégia profícua que esboça o caminho a ser percorrido no processo de produção textual escrita, o que permite, além disso, que o aluno entre em contato com um gênero em relação ao outro, reconhecendo as características próprias de cada um, por meio da evidenciação da aplicabilidade retórica e das diferentes maneiras de dizer, produzindo, em seu viés sociorretórico, a ressignificação da escrita em contexto escolar.

Considerações finais

Todo ser humano é movido por motivações, que podem ser emocionais, profissionais ou educacionais. Diante desse pressuposto, a motivação, no contexto escolar, torna-se indispensável às diferentes situações do processo de ensino e aprendizagem. De acordo com Bazerman (2015), essas motivações são tensionadas por preocupações de longo prazo e pelo atendimento de situações emergentes moldadas pelo reconhecimento de como essas situações se organizam. Em cada etapa a ser trabalhada durante o processo de leitura e escrita, a ação acontecerá de acordo com a percepção, o lugar de preocupações e os interesses do aluno-autor. Sendo assim, a situação emergente é “reconhecida e moldada por nossas tipificações sobre como as situações se organizam e como as formas de ação se tornam disponíveis diante delas” (BAZERMAN, 2015, p. 99).

Cotidianamente, ressalta Bazerman (2015), somos expostos a situações claras de escrita, reguladas em forma e ocasião, para as quais empreendemos uma ação definida porque esperamos atingir um fim, que é o objetivo da demanda. São formas de ação tipificadas para as quais precisamos apenas decidir se atendemos ou não. A autonomia é estreita e a aceitação determina que sigamos a regulação, ou que lidemos com as consequências.

92 Assim, os momentos de escrita, na escola, pressupõem que o aluno atenda

à emergência da situação que se configura, muitas vezes, na obtenção de uma avaliação positiva, em prejuízo à reflexão durante e sobre o processo de escrita. Tal cenário cria um simulacro de que é uma situação artificial, ainda mais quando situações emergentes e cotidianas são desprezadas.

Enfim, exercitar técnicas e inovar na prática diária é uma demanda que emerge da inquietação docente. Por isso, entendemos que é possível trabalhar com contextos significativos para o aluno-autor, considerando que, ao perceber melhor os meandros da escrita, que a abordagem sociorretórica motiva, por meio do sistema retórico, será possível vencermos o desafio de planejar e articular textos persuasivos sobre situações do contexto social.

Referências

ARISTÓTELES. **Retórica**. Ver. Levi Condinho. 2 ed. Lisboa: Biblioteca de Autores Clássicos, 2005.

BAZERMAN. C. **Gêneros textuais**, tipificação e interação. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **Retórica da ação letrada**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos de ensino fundamental: língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998, p.69-70.

CITELLI, A. **Linguagem e persuasão**. 16 ed. São Paulo: Ática, 2005. (Série Princípios, 2017)

FERREIRA, L. A. **Leitura e persuasão**: princípios de análise retórica. São Paulo: Contexto, 2017.

FIORIN, J. L. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2015.

FREEDMAN, A.; MEDWAY, P. (Org). **Genre and the New Rhetoric**. London: Taylor & Francis, 1994.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2011.

PASSARELLI, L. M. G. **Ensino e correção na produção de textos escolares**. São Paulo: Cortez, 2012.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

REBOUL, O. **Introdução à retórica**. Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

